

A derrota de Ulysses muda relação de forças

LEDA FLORA

A ascensão do senador Mário Covas à liderança do PMDB na Assembléia Nacional Constituinte deverá resultar numa série de mudanças na ordem que vinha sendo construída pelo deputado Ulysses Guimarães, de um lado, e pelo governo, do outro, porque leva a marca forte da independência.

Da noite para o dia, Mário Covas transformou-se no mestre-sala do partido. Afinal, com discurso de apenas 20 minutos, iniciou o processo de recuperação da identidade do PMDB, que se estava esvaindo, quebrou a série de vitórias que Ulysses Guimarães andava acumulando, abriu o debate sobre a sucessão paulista e criou fato novo para a presidencial, atrapalhou o ritmo que o PFL vinha imprimindo à sua atividade política e, para completar, deixou o governo, no mínimo, de sobressaído.

Quando o governo trabalhou contra a soberania da Assembléia Constituinte e colocou um líder seu na Câmara para deixar claro que iria influir nos trabalhos — além de tentar cercar com o maior cuidado a duração do mandato presidencial — indicou de alguma forma que a Constituição deveria ter um vínculo com o presente, isto é, com os que mandam hoje. Com Covas na liderança do maior partido, os desenhos presidenciais perdem nitidez. Isso porque, se for levada em conta a história do PMDB, se verificará que o partido tende a se unir quando se sente mais forte. E isso é fato, pois o oficialismo perdeu.

O grande adversário do PMDB, hoje, é sem dúvida o PFL, dentro e fora da Assembléia. Nos últimos dias, observou-se que o PFL conduzia as articulações políticas na Constituinte, incluindo aí o espaço cedido aos pequenos partidos. O primeiro problema decorrente da chegada de Covas à liderança já está montado: o líder Luiz Henrique havia feito acordo no sentido de ceder a 1ª vice-presidência da Assembléia ao PFL. Mas Covas já informou que isso não existe.

Desce também a estrela que acompanhou recentemente o líder José Lourenço, do PFL, pois a superioridade de Covas para argumentar e convencer é total. O debate, antes de iniciado, já está comprometido. Além disso, pessoas muito ligadas a Covas sabem que ele vai atrair os pequenos partidos e, com maior poder de barganha, poderá encurralar o ânimo dos liberais.

No discurso que conquistou à bancada, Covas condenou a acumulação de cargos dentro do partido, numa referência clara ao deputado Ulysses Guimarães. E assumiu uma atitude de contestação. Agora, como desdobração, deve-se assistir a uma luta de poder dentro do partido.

Mário Covas apressou a discussão em torno da sucessão paulista, no terceiro dia do governo Orestes Quêrcia. No Congresso, muita gente considerou que surgiu forte candidato à sucessão do presidente José Sarney. Covas já disse que prefere mandato presidencial de quatro anos, mas a política tem uma dinâmica muito peculiar, como prova sua própria condição neste momento. E é preciso deixar que as coisas aconteçam.

Embora com bom trânsito em todas as áreas peemedebistas, o novo líder sente-se mais à vontade com os progressistas que, por sinal, ajudaram a empurrar sua candidatura. Para alguns políticos, significa que a Constituinte poderá se inclinar mais à esquerda e favorecer aquele grupo de apoio. Para outros, o fato não conduz, necessariamente, a caminhos ideológicos e, sim, a um apego ao programa do PMDB, que poderá ser absorvido de forma mais densa na futura Carta Constitucional.

Finalmente, há um componente psicológico na subida de Covas: ao retomar o discurso original do MDB, sem se preocupar com a circunstância de atingir ou não o governo, criou condições para o partido recuperar prestígio popular. Isso conduz à credibilidade, artigo que anda em falta, e que bem administrada politicamente, poderá encurtar a permanência do presidente José Sarney no Palácio do Planalto. (Brasília — Ag. Estado)